Artigo[*]

Uma só Psicopedagogia e Vários Âmbitos de Ação - Laura Monte Serrat Barbosa[•]

Estamos vivendo um momento histórico no qual o conhecimento e as profissões contam com uma conseqüência da era industrial: a especialização. Essa necessidade de conhecer cada vez melhor alguns aspectos do todo, detalhar funcionamentos foi dividindo o conhecimento em muitos fragmentos e, conseqüentemente, as profissões que se apoiam neles também foram divididas. A Medicina é um exemplo desse fenômeno.

Existem especialistas para cada segmento de nosso corpo e, se escolhermos um deles, o coração, por exemplo, temos várias especialidades responsáveis por aspectos desse órgão em funcionamento. Existe o cardiologista que faz o acompanhamento, outro que faz exames especializados, como a angioplastia, outro que faz a cirurgia etc. O ortopedista pode se especializar em ombro, em joelho, em mão, em pé...

A Psicologia, filha da Medicina, seguiu o exemplo de segmentação e acabou por ter muitas especialidades: clínica, organizacional, escolar e hospitalar. Dentro dessas, podem existir outras: a clínica, por exemplo, pode ter especialistas em terapia individual, breve ou não; terapia grupal; terapia familiar; psicoterapia infantil; psicoterapia para adolescente; psicoterapia para adultos; psicodiagnóstico etc.

Essa superespecialização pode levar o especialista a ser competente naquilo que faz; porém, pode fazê-lo correr o risco de focar tanto a ponto de perder de vista o todo. O excesso de segmentação pode provocar a "babelização" na área de conhecimento ou na área profissional; regras podem passar a não valer para todos; a linguagem pode ir se diferenciando, podendo dificultar a comunicação. Com a intenção de minimizar esse risco, de integrar os conhecimentos e de possibilitar uma visão mais inteira dos fenômenos é que a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade foram sendo utilizadas tanto na academia, quanto nas práticas profissionais.

[*] Texto publicado no Boletim Informativo Psicopedagogia, edição de julho, agosto e setembro de 2005.

[•] Pedagoga, psicopedagoga, mestre em Educação.

A Psicopedagogia, como área que se constituiu a partir de muitas outras, inclusive da Medicina e da Psicologia, precisa cuidar para não se transformar num rol de especialidades. Já existem publicações que falam de Psicopedagogia Institucional, Psicopedagogia Clínica, Psicopedagogia Empresarial e outras.

Acredito que isso seja perigoso. Nossa área de estudo e atuação é nova; surgiu em função da superespecialização; surgiu como área que se propõe a integrar o conhecimento, a olhar o todo, a enxergar um sujeito que, ao aprender, é afetivo, cognitivo, comunicativo, relacional, corporal, biológico, social etc. ao mesmo tempo; que se propõe a perceber esse sujeito em relação às instituições a que pertence, a entender sua aprendizagem e não-aprendizagem a partir da malha de relações na qual está imerso.

Por que uma Psicopedagogia Clínica? Por que uma Psicopedagogia Institucional? Por que uma Psicopedagogia Hospitalar? Por que dividir algo que precisa estar inteiro?

A meu ver, a Psicopedagogia é uma só; acontece em diferentes espaços, com objetivos específicos, mas a forma de pensar sobre o aprendiz, de ver o processo de aprendizagem, de considerar o mundo e o conhecimento é a mesma. O objeto de estudo – a aprendizagem – é o mesmo e, por isso, não precisamos seguir modelos médicos e psicológicos e subdividir nossa área. Somos especialistas em aprendizagem, independente do espaço no qual essa aprendizagem se processa.

NICOLESCU (1999) alerta para um dos perigos da interdisciplinaridade, que é o de fabricar outras disciplinas, decorrentes da necessidade de adotar conhecimentos de uma área em outra área de estudo ou de atuação.

A Psicopedagogia já é uma conseqüência da interdisciplinaridade; se for subdividida, fabricará outras áreas e perderá seu caráter integrador. Precisamos cuidar, pois a Psicopedagogia foi construída como uma práxis interdisciplinar e, por isso, precisa continuar mantendo seu compromisso de desenvolver uma práxis articulada com o todo.

> Nestas novas construções que emergem diante de tais exigências, gostaria de destacar, dentre outras áreas de estudo de grande importância, aquela associada à Psicopedagogia. Esta, já nas origens, procurou compreender mais profundamente como ocorre o processo de aprender, numa abordagem mais integrada, em que não exclui nenhum dos fatores, sejam psicológicos, pedagógicos, sócio-culturais, biológicos ou antropológicos. (...) Entretanto, muitas abordagens da Psicopedagogia, numa tentativa de buscar saídas de fragmentação e de reducionismo, ainda trazem um olhar contaminado

> pelo velho dualismo sujeito-objeto do conhecimento e pelo reducionismo e determinismo deste mesmo conhecimento. (FAGALI, 2001, p. 26-27)

Esse dualismo e esse reducionismo aparecem na prática de muitos psicopedagogos mas, principalmente, nos cursos de formação ou de especialização desse profissional, cujos coordenadores ainda não entenderam que a Psicopedagogia não é "mais um" curso de especialização que precisa ter um número *x* de horas, uma quantidade de professores doutores, mestres, especialistas, e pronto.

A Psicopedagogia é uma área que precisa ensinar/aprender, aos seus profissionais, uma visão totalizadora, integradora, "desconstruidora" de conceitos já cristalizados, capaz de possibilitar uma aprendizagem significativa.

Não podemos nos contentar com cursos de formação ou de especialização que se resumam numa seqüência de disciplinas, trabalhadas por profissionais que não sabem o que é Psicopedagogia e que desejam especializar a clientela em áreas distintas (clínica, institucional ou hospitalar). É como se fazer uma especialização dentro de uma especialização. Existem cursos que chegam a permitir somente aos alunos com formação em Pedagogia, em Psicologia, em Fonoaudiologia que se especializem em Psicopedagogia Clínica; os outros só podem se especializar em Psicopedagogia Institucional. Esse tipo de atitude tem por trás um pensamento cumulativo. Como se ser psicopedagogo fosse somar formações e conhecimentos.

Formar-se em Psicopedagogia, ou especializar-se nessa área, significa aprender uma nova práxis. A formação anterior do sujeito faz parte do seu esquema conceitual referencial operativo, chamado por PICHON-RIVIÈRE (1988) de ECRO, com o qual vai assimilar as novas informações e transformar os conhecimentos já existentes; porém, ser psicólogo, por exemplo, não garante uma melhor aprendizagem, pois ser psicopedagogo não é ser psicólogo. Isso, pelo contrário, pode exigir do aluno um grande esforço para algumas "desconstruções" que dizem respeito à sua formação anterior. Temos de nos afastar dos modelos médicos cartesianos, que se propõem a trabalhar sobre o sintoma, esquecendo-se que o aprendiz é um ser inteiro e que aprende em um contexto também inteiro. A Psicopedagogia é uma só.

Jorge Visca dizia que era possível, dentro da Psicopedagogia, estudar a aprendizagem de diferentes perspectivas. "Tres décadas de práctica profesional me brindaron la possibilidad de estudiar al aprendizaje desde diferentes perspectivas en distintos ámbitos, lo cual me ha ayudado a

determinar cuatro unidades de análisis del hacer psicopedagógico: el individuo, el grupo, la institución y la comunidad.” (VISCA, 1997, p. 22)

A Psicopedagogia pode acontecer em qualquer um desses âmbitos; com intenção diagnóstica ou de acompanhamento da aprendizagem; com objetivos preventivos ou curativos; atendendo desde crianças até a terceira idade; focando nos indivíduos, nos grupos, nas instituições ou na comunidade em processo de aprendizagem sistemática ou assistemática.

Um psicopedagogo deve se especializar em aprendizagem e compreendê-la como um processo que se dá no interior de cada um e é decorrente das interações e das relações desse sujeito com os grupos aos quais pertence, com as instituições das quais faz parte, com a comunidade e com a cultura local e globalizada.

Se quisermos compreender a aprendizagem no âmbito da instituição, olhamos para a instituição, para a forma como essa promove suas ações e como os sujeitos aprendem; porém, o foco continua sendo a aprendizagem. Dessa forma, não existe uma Psicopedagogia Institucional, e sim uma Psicopedagogia que está sendo desenvolvida dentro de uma instituição, num âmbito específico. Não há necessidade de segmentar a Psicopedagogia para termos tal compreensão. Com a mesma Psicopedagogia, podemos transitar do micro para o macro, e vice-versa, sem nos superespecializarmos somente em micro ou somente em macro.

Precisamos nos lembrar de nossa origem, para que viemos; a nossa identidade depende da inteireza de nossa área profissional. A segmentação faz brotar outras identidades, e nós, que estamos conseguindo formar um corpo de conhecimento e de ações que está sendo reconhecido em todo o mundo, não podemos fragilizar essa unidade e descaracterizar nossa ação. Portanto, lembrem-se: existe apenas uma Psicopedagogia e vários âmbitos de ação.

Referências

FAGALI, H. Q. (Org.) **Múltiplas faces do aprender**: novos paradigmas da pós-modernidade. São Paulo: Editora Unidas Ltda., 2001.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade.** São Paulo: Trion, 1999.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VISCA, J. **La Psicopedagogia**: el error, los ámbitos, el desarrollo del pensamiento abstracto, el aprendizaje, los grupos operativos. Buenos Aires, Argentina: Prof. Pedro Luis Jorge Visca, 1997.